



Colunistas entre o sim e o não: o referendo sobre as armas de fogo segundo as colunas de notas de jornais cariocas¹

Rogério Martins de Souza²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ.

Resumo

O trabalho pretende analisar a cobertura jornalística sobre o referendo acerca da comercialização de armas de fogo em território brasileiro, realizado em outubro de 2005. Ele toma como *corpus* notícias divulgadas em colunas de notas da mídia impressa no Rio de Janeiro. Pretende-se aqui analisar como um fato que obteve ampla divulgação em todos os meios de comunicação foi levado ao leitor especificamente pelas colunas jornalísticas no Rio. Este trabalho é parte das pesquisas de minha tese de doutorado, que procura estudar as razões e motivações históricas que levaram o jornalismo brasileiro a investir ostensivamente em colunas de notas, e também analisar como se apresenta a linguagem deste peculiar estilo jornalístico nos dias de hoje.

Palavras-chave

Colunismo; linguagem jornalística; política; mídia

Introdução

Em outubro de 2005, cerca de 122 milhões de brasileiros foram às urnas para mais uma eleição. O que estava em jogo, desta vez, não era a disputa por cargos públicos, como a eleição para vereadores, deputados, prefeitos, governadores ou mesmo a presidência da república. Desta vez, os brasileiros se prepararam para votar no primeiro referendo da história republicana do Brasil sobre a comercialização de armas de fogo em território nacional. Após pesquisas amplamente favoráveis à Frente Parlamentar por um Brasil sem Armas, que pregava o voto no “Sim” (a favor da proibição), a disputa passou por uma virada espetacular dos partidários da Frente Parlamentar pelo Direito da Legítima Defesa, em favor do “Não” (contra a proibição), a

¹ Trabalho apresentado ao NP Jornalismo, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Rogério Martins de Souza é doutorando em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É mestre em Comunicação e também especialista em Jornalismo Cultural pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Seus interesses como pesquisador incluem trabalhos dentro da análise do discurso sobre a linguagem jornalística, além de pesquisas voltadas para o cinema, rádio e televisão. Endereço eletrônico: rogerms@uol.com.br

partir do começo do horário eleitoral gratuito na televisão e rádio, com esta última opção saindo-se vitoriosa. O objetivo deste artigo não é fazer qualquer análise sobre o resultado do referendo. Queremos aqui analisar como a disputa entre partidários do Sim ou do Não foi divulgada por meio das colunas de notas de jornais cariocas. Mais precisamente: como se construiu o discurso de colunistas sociais e políticos no embate entre partidários e contrários ao desarmamento.

Sobre fofocas, furos e subjetividade

Frases curtas, duas ou três no máximo, estilo direto ao ponto, comentários sintéticos sobre a política ou a economia, pontos de vista sobre personalidades, unidades informativas ou opinativas onde se articulam relatos, flashes, comentários jocosos advindos de uma fonte “próxima ao poder” ou “amigo da coluna”. Segundo o professor José Luiz Braga, que pesquisou as colunas de notas do Jornal do Brasil e da Folha de São Paulo, o que caracteriza as notas seria seu tom leve, às vezes irônico, dos fatos ou falas contados de modo direto, e a seleção e construção voltadas para um objetivo de assinalar o pontual, o destaque, o pitoresco. De certa forma, as colunas de notas abordariam os *fait-divers* da política, em uma perspectiva próxima da “fofoca” (Braga, 1998).

Conforme a visão de Braga, a impressão de fofoca seria dada pelo tom ligeiro das notas e pela predileção por personagens, mais que suas idéias ou a discussão dos problemas políticos relevantes do país. Daí o preconceito que muitos jornalistas veteranos e parte dos leitores alimentam com relação às colunas jornalísticas: estas seriam o espaço privilegiado das intrigas e maledicências, territórios da futilidade, acarretando na perda da “consistência” de um jornalismo ideal. Visão rebatida por Braga. Para ele,

A fofoca é tida como comportamento provinciano, de quem não tem o que fazer. Mas é possível perceber, que numa forma ou noutra, permeia todo o tecido social como um componente merecedor de análise antropológica (...) Resta que, em política, parece se imiscuir, junto com os boatos, nos assuntos mais relevantes e graves (Braga, 1998).

A característica marcante da chamada “fofoca” e a postura negligente de muitos críticos destas colunas faz com que pouca importância seja relevada às colunas jornalísticas. Muitos, porém, esquecem de outra característica básica delas: o furo. A

notícia em primeira mão e exclusiva, ainda que por meio de notas curtas é algo que as torna relevantes, como alerta José Marques de Melo:

Trata-se portanto de um mosaico, estruturado por unidades curtíssimas de informação e de opinião, caracterizando-se pela agilidade e pela abrangência. Na verdade, a coluna cumpre hoje a função que foi peculiar ao jornalismo impresso antes do aparecimento do rádio e da televisão: o furo. Procura trazer fatos, idéias e julgamentos em primeira mão, antecipando-se à sua apropriação pelas outras seções dos jornais, quando não funciona como fonte de informação (Melo, 1994).

Após estas primeiras considerações, parto agora para a análise de como este gênero jornalístico noticiou o referendo sobre a comercialização das armas de fogo. Levando em consideração as características já ressaltadas, buscarei explicar como um evento *político* foi levado aos leitores das colunas, e que fatores foram determinantes no enquadramento jornalístico quanto ao noticiário sobre o referendo - um evento desde cedo marcado pela grande polarização entre partidários do “Sim” e do “Não”.

A leitura das colunas

O *corpus* escolhido para a análise comparativa das colunas de notas foi buscado nos jornais O Globo e Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro. Optou-se por pesquisar as colunas no período determinado entre a segunda-feira anterior ao referendo – dia 17 de outubro – até a segunda-feira seguinte, 24 de outubro, quando o resultado eleitoral já se confirmava. Entre as colunas analisadas, estão *Boechat* e *Márcia Peltier*, do Jornal do Brasil, *Ancelmo Góis* e *Joaquim Ferreira dos Santos*, do Globo. Optou-se aqui por “abrir o leque” das colunas pesquisadas, ou seja, procurei não restringir o estudo das colunas àquelas essencialmente políticas (publicadas em geral nos primeiros cadernos), mas também às colunas de notas dos segundos cadernos, que reformularam suas antigas colunas sociais e hoje - embora o foco principal esteja concentrado nas notícias sobre sociedade -, não esquecem de comentar a cena política.

Durante a semana que antecedeu a ida às urnas, os jornais reservaram sempre uma manchete, ilustração ou chamada na primeira página para aludir ao referendo. Foram publicadas várias reportagens elucidativas, posições contrárias ou a favor do desarmamento mereceram registro nos editoriais ou na seção de cartas dos leitores, matérias sobre as articulações das duas frentes em disputa, além de informações didáticas sobre como votar no Sim ou pelo Não no dia marcado.

Essa tendência, de privilegiar o serviço público e os “grandes temas” (a princípio, aqueles de maior repercussão) *não* foi encontrada nas colunas de notas. Essa é uma característica das colunas: mesmo quando o fato se passa, textualmente, “em cena”, o que é noticiado geralmente não trata do *centro* da cena. As colunas deixam de lado os “assuntos sérios” e preferem se ocupar com o que acontece nos “bastidores” do acontecimento (Braga, 1998).

Outra característica encontrada nas colunas de notas é que, pela própria estrutura e seu caráter sintético, seu discurso lhes tira a possibilidade de ir além, ou seja, informar as circunstâncias (local, contexto político ou social, dia e hora, nexos causais, etc.) do fato. No entanto, Braga salienta que a nota tem freqüentemente uma certa complexidade – despachada necessariamente em frases curtas e diretas - relacionando momentos diferentes ou posições, ou uma série de acontecimentos relacionados.

Seguindo esta argumentação, podemos encontrar um exemplo em noticiar o que é “secundário” nesta nota da coluna de Márcia Peltier, uma semana antes do referendo:

Marcia Peltier (17/10):

Porrada no não

A turma dos praticantes de jiu-jitsu não tomou uma posição formal sobre o referendo das armas, mas a tendência dos principais lutadores é pelo sim. Há até alguns mais radicais, como Carlos Gracie Jr., presidente da Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu: “Sou contra a fabricação, venda e uso de arma de fogo, seja qual for a razão. Nenhum motivo justifica tirar a vida de outra pessoa”, declara.
--

Podemos alistar três pontos que fazem a nota referida apoiar o Sim. Primeiro, o título, irônico e que “comenta” a nota: “Porrada no não”. Segundo, embora a coluna reconheça que a “turma dos praticantes de jiu-jitsu” não tenha ainda uma posição formal sobre o referendo, ela informa que “a tendência dos principais lutadores é pelo Sim. Terceiro, o próprio ato de selecionar as notas que vão estar presentes em uma coluna de notas, já garante a posição contrária ou a favor do colunista. Assim, a mera “objetividade” ensaiada no estilo da técnica jornalística com que a nota foi redigida é rechaçada pela opinião contrária à venda de armas por uma “autoridade” na área, ainda que esta área (artes marciais) esteja ligada, para o leitor não especialista em jiu-jitsu, à violência das lutas. Poder-se-ia questionar por que a colunista não preferiu dar uma nota sobre as passeatas dos partidários das duas frentes, optando por uma inusitada pesquisa nos bastidores do jiu-jitsu. Mas nada é tão simples: os colunistas trabalham,

como explica José Marques de Melo, “descobrimos fatos que estão por acontecer, pinçando opiniões que ainda não se expressaram, ou exercendo um trabalho sutil de orientação da opinião pública” (Melo, 1994).

Vejamos agora a seguinte nota:

Joaquim Ferreira dos Santos – 17/10:

Sobre o plebiscito

Dias atrás a jornalista **Laura Benevides**, da Frente pelo Não, recebeu um e-mail dizendo que traficantes do Morro do Dendê haviam abraçado a defesa do Sim. Ela entrou em contato com o responsável pela notícia, o site Cocadaboa, sem saber que é uma página humorística. Deram-lhe o telefone de um “traficante” chamado Xaxim e Laura fez longa entrevista, que circula na internet. Somente minutos antes de publicá-la avisaram que era trote.

Eis aqui um exemplo de como um boato surgido na semana anterior ao referendo - não confirmado pela polícia nem por jornalistas – transforma-se em piada numa coluna de notas jornalística. Não obstante o título equivocando (não era um plebiscito, mas um referendo), o caráter mais importante do fato – teriam ou não traficantes de morros cariocas tomado partido a favor do Sim? – é preterido pelo “trote” recebido por uma jornalista que não foi capaz de perceber a procedência do *site* de humor e o nome do traficante (Xaxim), que insinuava um “pé” de maconha.

A valorização do secundário

Voltemos aqui a um dos problemas propostos neste artigo: ao exercer o papel intermediário entre o público e o privado, estariam as colunas contribuindo para uma falta de consistência na mídia impressa? Ou, pelo contrário, seu estilo mais leve, informal, mais crítico e muitas vezes mordaz não seria uma contribuição para um “outro olhar” do leitor, a despeito da frivolidade de grande parte das notas? Não cabe aqui (até pelas dimensões reduzidas do artigo) encontrar respostas prontas para essa questão, nem formular respostas sobre o *sentido* por trás das colunas de notas. Este artigo segue a proposta de análise de discurso sugerida por Eni Orlandi e outros teóricos, segundo o qual a análise de discurso busca menos a *interpretação* do que a *compreensão* do processo discursivo. Ou seja, a análise do discurso visa compreender o texto, na mesma medida em que procura explicitar a história dos processos de significação, para atingir os mecanismos de produção (Orlandi, 1988).

Para isso, devemos examinar o texto das colunas não apenas como matéria informativa sobre eventos caracterizáveis como "políticos", ou diretamente referentes à questão do referendo. Mas também, como ensina Braga, perceber o processo político que se opera nas notas. Ou seja: considerando como "nota política" não apenas a notícia em si, mas todo o processo comunicacional, desde os "fatos", passando por sua seleção e tratamento noticioso (verbal), e fazendo inferências sobre as possibilidades de sua leitura/interpretação pelo leitor (Braga, 1998).

Duas notas publicadas na terça-feira permitem constatar como o uso do secundário pode continuar “à margem” do acontecimento, sustentando-se unicamente na sua atualidade, ou receber contornos relevantes. No primeiro caso, a coluna Boechat repercutia a manifestação dos partidários do Sim na Lagoa Rodrigo de Freitas do domingo anterior, apoiada pela governadora Rosinha Matheus, quando centenas de cruces de isopor foram jogadas na água.

Boechat – 18/10:

Gênios

Há dez anos devotado à recuperação da fauna do local, o ambientalista Mário Moscateli está indignado:

- As cruces de isopor espalhadas na Lagoa Rodrigo de Freitas pelos partidários do Sim, domingo, deixaram centenas de pedaços flutuando – crítica.
- Os biguás vão engolir aquilo como se fosse comida e morrer.

Nesta nota há um olhar diferenciado sobre a campanha a favor do desarmamento. Rompendo com a intenção do “furo” jornalístico, Boechat deixa de lado a notícia em primeira mão para repercutir uma consequência desastrosa – em termos ambientais - da manifestação do Sim, ao jogar cruces de isopor na Lagoa. Além disso, a nota busca revelar o fato à margem do que fora noticiado no dia anterior. Seu enunciado curto contribui para o rótulo de “notícia de bastidores”, algo que não mereceu destaque anteriormente mas que encontrou porto seguro no ancoradouro das colunas. No entanto, se atentarmos para o título² sarcástico da nota (“Gênios”, que resume a interpretação do colunista para o fato) e o tom crítico, marcado pelas duas declarações do ambientalista entrevistado, pode-se entrever uma sutil crítica quanto à campanha em marcha, ou no mínimo ao tipo de manifestação planejada para angariar eleitores naquele dia.

Vejamos agora três notas que saíram na mesma coluna, em sequência:

² O título nas colunas de notas tem função importante: é ele que, pelo tom irônico, ferino ou mesmo objetivo, “comenta” o assunto que o leitor lerá a seguir. Os títulos funcionam assim como um direcionamento prévio do olhar do leitor, quase chegando a dizer como ele deve ler a nota.



Ancelmo Góis – 18/10:

Chico fora

A campanha contra as armas decidiu suspender os anúncios com Chico Buarque, Fernanda Montenegro e outros artistas.
Pesquisa interna do “Sim” mostrou que foi contraproducente o uso de artistas.

Lula dentro

A idéia de juntar FH, Lula e Garotinho para pedir pelo “Sim” no referendo causa polêmica na campanha contra as armas.
Um integrante do QG do “Sim” tem pesquisa que mostra que, em algumas favelas do Rio, a imagem dos políticos é pior que a de bandidos e polícia.

No mais...

É como dizia Vinícius, muitos anos antes do referendo, em “A vida tem sempre razão”, parceria com Toquinho: “A hora do sim é o descuido do não”...

Aqui, podemos destacar os títulos das duas primeiras notas (“Chico fora”, “Lula dentro”), que somados ao terceiro (No mais...) evidenciam a continuidade do assunto em três notas sobre o mesmo tema, porém com abordagens diferenciadas. Nas duas primeiras, alude-se a pesquisas (não é indicada em nenhum dos casos *que* pesquisas específicas são essas) indicam (em primeira mão) falhas na campanha do sim ou estratégias que não deram certo, como a idéia de juntar Lula, FH e Garotinho para pedirem votos a favor do Sim. Na terceira nota (No mais...), a coluna aproveita para fazer um comentário irônico, usando a fala de outro, no caso a letra de uma música. Ao selecionar falas de outros personagens – e o termo “personagens” é pertinente, pois o tom das colunas aproxima-se mais da literatura do que de a linguagem jornalística – o colunista esquivava-se de dar sua opinião própria e protege-se numa “objetividade” que remete ao leitor a ilusão de imparcialidade. Um curto e direto “a propósito...” que indica mera observação pitoresca ou de bastidores.

Assim, podemos constatar que a coluna de Aancelmo Góis, embora num tom leve e informal, próprio de uma conversa entre amigos, leva ao leitor duas notas a princípio secundárias, mas que nos dias seguintes se revelariam decisivas nas críticas à campanha do Sim, quando a derrota para o Não já se mostrava inevitável.

Os colunistas e a opinião pública

Jornalistas e políticos têm em comum o fato de proclamarem-se ambos os representantes da opinião pública. Seriam, segundo Victor Sampedro Blanco, delegados

públicos que constroem a realidade política: “Partidos e políticos se intitulam a cada eleição os porta-vozes da opinião pública. Meios de comunicação e jornalistas dizem que a expressam cotidianamente através da opinião publicada, irradiada ou televisada”. Sampedro argumenta que tal atribuição de papéis sociais resulta, no mínimo, problemática. José Marques de Melo ressalta que a coluna possui um caráter persuasivo: ela não se limita a emitir uma simples opinião, vai mais longe e conduz os que formam a opinião pública, veiculando versões dos fatos que lhes darão contorno definitivo. Por isso, as colunas são assediadas regularmente por políticos, na intenção de converter suas leis em acontecimentos midiáticos.

Leitores de jornais estão sempre em busca de um discurso de *autoridade* quando lêem o jornal. Por isso, poucos questionam a veracidade de determinadas notícias. As colunas de notas, para serem devidamente apreciadas, pedem um leitor minimamente informado e que saiba identificar o que Eliseo Verón chama de “efeitos de reconhecimento”, marcas, bordões, expressões que determinam uma *cumplicidade* com os leitores. Alguns colunistas, como Gois – que não se acanham de publicar fotos (muitas delas tiradas por leitores e enviadas por e-mail) de abusos de poder envolvendo autoridades e instituições públicas ou privadas -, chegam a pontuar fatos da cidade com expressões no estilo “está certo”, “está errado”, “meu deus...”, “na minha terra...”, “é, pode ser”. Assim, o leitor recebe em sua casa uma coluna em que o discurso é revestido por tonalidades pedagógicas e autoritárias, mas que muitas vezes passam despercebidas frente ao alto grau de informalidade e entretenimento ali contidos (Souza, 2005).

Assim, uma leitura sem espírito crítico das colunas pode se revelar um problema. O tom leve e informal do noticiário, sem espaço para análises aprofundadas, faz com que muitos leitores apressados tomem estes espaços como repositores de uma “verdade” comunicacional³. Vejamos dois exemplos, em Boechat e depois em Gois:

Boechat, 18/10:

Sim ou não?

Ainda há mistério em torno da ida às urnas no próximo domingo.
O Tribunal Superior Eleitoral ainda não decidiu se a data será ou não feriado.
Em eleição, sempre é proibido trabalhar.
Mas como trata-se do primeiro referendo popular da História do Brasil, torna-se necessária uma decisão formal do TSE.

³ Isso é perigoso, pois as colunas de notas são um espaço privilegiado para os “balões de ensaio”, prática também chamada de “plantar notícias”: lançar idéias, sugerir situações, não necessariamente verdadeiras, com a finalidade de avaliar repercussões do público. Muitos políticos procuram divulgar ali fatos com essa intenção.



Ancelmo Góis – 18/10:

Sim ou não?

O QG do pessoal do Sim, contra o comércio de armas, com base em pesquisas diárias, aposta que o jogo deve virar até domingo.
Há controvérsias.

No primeiro caso, Boechat alude à indecisão do TSE sobre se a data da ida às urnas seria feriado ou não, e cobra uma posição formal do tribunal. A objetividade da nota de Boechat contraria com o sarcasmo de Góis, que com apenas uma frase (“Há controvérsias”) demonstra sua incredulidade quanto à virada nas urnas dos partidários do Sim, que àquela altura já se encontrava em queda franca nas pesquisas. Pode-se constatar aqui o grau de autoridade que os colunistas possuem, buscada, em Góis, por em várias marcas de efeito, como o bordão referido acima – “há controvérsias”. Para que o discurso da coluna funcione, o leitor deve estar minimamente inteirado dos fatos da atualidade, como na nota abaixo:

Márcia Peltier – 21/10:

Com armas

Larry Rohter dá mais uma alfinetada no governo. O correspondente do *New York Times* no Brasil publicou um artigo, ontem, sobre o referendo. Sarcástico, ele escreveu que a maioria vai votar no “não” porque significa ser contra o governo, que está envolvido num escândalo de corrupção.

Na nota a seguir, o contrato de leitura está na alusão à personagem de Veríssimo. Ressalte-se algo peculiar no segundo período da nota, onde o estilo do colunista produz o que Braga chama de “efeitos de leitura” (também característica da linguagem sedutora): ao indicar frentes à princípio divergentes, como a TFP, o MV-Brasil e o PSTU, “juntos” na defesa do Não, o colunista reforça o tom de estranheza do fato (a partir do prefixo “ultra”) seguido do tom temático de cada um deles. Assim, o efeito, além de reforçar uma possível incoerência dos defensores do Não, permite ao leitor descobrir a ironia de ver frentes divergentes unidas num único objetivo:

Ancelmo Góis – 21/10:

Em tempo...

Mais uma esquisitice brasileira para a coleção da amiga francesa de Veríssimo, que fez um “aaaah” de espanto ao saber que, no Brasil, um comunista dirige a Câmara. Na defesa do “Não”, a favor do comércio legal de armas, estão juntas a TFP (ultraconservadora), o MV-Brasil (ultranacionalista) e o PSTU (ultra-esquerda).



Outra característica que ficou clara entre os colunistas durante a semana que antecedeu ao referendo foi a citação de pesquisas, como já vimos em exemplos anteriores. Esta função serviu para que as notas buscassem nas pesquisas o inusitado do acontecimento, além de ajudar ao colunista (amparado na “objetividade”) a ostentar sua opinião sobre como corria a campanha.

Boechat – 22/10:

Mídia

Se dependesse dos jornalistas, o referendo sobre o comércio de armas no Brasil não sairia do papel.
Pesquisa do portal Comunique-se constatou que, na opinião de 60% dos 2032 profissionais entrevistados, a consulta popular de amanhã é pura perda de tempo.
Segundo a maioria, o resultado das urnas, seja qual for, não mudará a realidade da violência no país.

Ancelmo Góis – 22/10:

A cadeia diz sim

Pesquisa coordenada pela ONG Viva Rio com detentas da Penitenciária Talavera Bruce, em Bangu, no Rio, revela a preferência na cadeia.
A maioria das presidiárias (90%) votaria “Sim”, amanhã, a favor do desarmamento.

Abaixo, há o exemplo de como as colunas de notas podem romper com a atualidade e buscar no passado elementos que ajudariam o presidente a não tomar uma providência infeliz. Apesar do evidente tom de fofoca do enunciado, a objetividade das notas em seqüência é verificada na especificação da fonte, como nesta nota:

Ancelmo Góis – 23/10:

Sim ou Não de Lula I

Quando a crise do mensalão estava no auge, em agosto, Lula chegou a pensar em incluir neste referendo de hoje uma pergunta sobre a aprovação a seu governo.
Seria coisa nos moldes do plebiscito que garantiu a permanência de Hugo Chávez na Presidência da Venezuela.

Sim ou Não de Lula II

Lula confessou a idéia ao professor Candido Mendes num papo no Planalto, dia 24 de agosto. Era, por coincidência, aniversário da morte de Vargas e véspera dos 44 anos de renúncia de Jânio (toc, toc, toc). Mas, dez dias depois, informou a Candido que desistira da idéia, pois teria pouco tempo para concretizá-la.



O tom de mera curiosidade da nota acima contrasta com outra, na coluna de Boechat. O colunista aponta fatores importantes que ficaram ao largo das campanhas e mesmo do noticiário jornalístico sobre o referendo - o estatuto do desarmamento, documento importante para que os brasileiros chegassem a uma opinião sobre o comércio de armas, foi pouquíssimo discutido na grande imprensa:

Boechat – 23/10:

O destino

Qualquer que seja o resultado do referendo de hoje, o comércio de armas no Brasil não mudará muito.
É que a grande maioria dos trabucos é vendida às polícias federal e estaduais.
Para a população, ano passado, foram negociadas apenas 1600 unidades.
A informação, dada quarta-feira numa palestra em Brasília, é do ex-secretário nacional de Segurança Pública José Vicente da Silva.

O dia seguinte

Na segunda-feira posterior ao referendo, em que o Não derrotou o Sim em todas as unidades da federação por uma larga margem de votos (63% X 32%), todos os jornais estamparam manchetes em suas capas com o resultado.

Diante da grande cobertura em cadernos e suplementos jornalísticos, as colunas de notas jornalísticas oscilaram entre a opinião e o inusitado dos fatos envolvendo a ida às urnas. A coluna de Ancelmo Góis buscou, a partir de uma discussão dentro de um cinema carioca, aludir novamente à contradição do eleitor brasileiro. A sensação de incoerência a que a coluna alude é maior na segunda nota em sequência, sobre uma discussão privada dentro de um condomínio num bairro da classe alta no Rio de Janeiro.

Ancelmo Góis – 24/10:

O Brasil disse não I

Veja como o Brasil, contraditório pela própria natureza, disse não ao desarmamento, mas quer distância das armas.
Sábado, na sessão de 21h30m de “Senhor das armas”, no Fashion Mall, no Rio, o filme foi interrompido no meio porque algumas pessoas suspeitaram que havia gente armada no cinema. Não tinha. Mas deu até polícia.

O Brasil disse não II

Ontem, por volta das 11h, um morador do condomínio de bacanas Village São Conrado, no Rio, reagiu assim a um militante do “Sim” que fazia boca de urna no Ciep Ayrton Senna: “Não. Vou votar no ‘Não’. Quero ter direito a ter meu próprio Caveirão.”
Caveirão (cruz, credo!) é o apelido daquele carro-forte preto blindado da polícia.

Boechat preferiu destacar o que ele mesmo rotulou de “inutilíssimo referendo”, levando ao leitor dois fatos concretos. Aqui, a escolha dos fatos é totalmente subjetiva - o colunista utiliza dois fatos para deixar claro que, apesar da vitória de uma das frentes, na sua opinião os dois lados perderam:

Boechat – 24/10:

Perde & ganha

De todo este inutilíssimo referendo realizado ontem, ao custo de R\$600 milhões para os cofres públicos, restam dois fatos concretos.
Primeiro: nunca tantos artistas globais e não globais levaram uma coça tão grande nas urnas.
Segundo: as ações da Taurus, maior fabricante de armas do país, subiram 20% na semana passada.

Cabe ressaltar que somente na segunda-feira o referendo obteve lugar de destaque em uma coluna, com direito a foto. Em Ancelmo Góis, podemos notar os fatores e personalidades que teriam ganhado ou perdido com a campanha sobre o desarmamento. Góis usa o termo “gangorra brasileira”, e utilizando um processo já usado por revistas como a Veja, discorre sobre quem a coluna elegeu como “perdedores” e “vencedores” do referendo. Ao misturar personalidades, situações, citações conhecidas e internet, podemos atentar nesta última nota um pequeno universo das colunas de notas jornalísticas brasileiras. Um universo onde a variedade dá o tom e a política é cada dia mais presente.

Ancelmo Góis – 24/10:

Sobe, desce

Com esta vitória do Não sobre o Sim no referendo das armas, veja como fica a gangorra brasileira.

Sobe	Desce
Fagner	Chico Buarque
Luiz Antonio Fleury	Renan Calheiros, Lula, FH, Garotinho etc...
Taurus/CBC	Taco/Varig
Baixaria na internet	Gente de branco na Lagoa
Jair Bolsonaro	Rubem César Fernandes
Dente por dente, olho por olho	Dê uma chance à paz
Liberalismo	Voto obrigatório

Conclusão

A intenção deste artigo foi pensar como um gênero jornalístico cada dia mais constante na mídia impressa noticiaria um evento político de caráter nacional. Em que pesem as críticas que são feitas hoje, quando a política parece estar dominada pelo jogo das aparências, pelo marketing e reviravoltas da propaganda eleitoral obrigatória, as notas jornalísticas convidaram o leitor a um passeio pelos bastidores da campanha, ainda que em relatos próximos à conversa de bastidores ou à mais pura fofoca. Se atentarmos para a argumentação de que hoje a mídia é o principal setor a desconstruir as fronteiras entre o público e o privado, podemos inferir que as colunas de notas jornalísticas – mesmo as mais voltadas para a política – são um espaço onde o processo ocorre com maior frequência. Em toda a cobertura jornalística sobre o referendo do comércio das armas de fogo, foi ali que as notícias aparentemente deixadas de fora do noticiário mereceram destaque. O secundário irrompeu, e a cobertura do referendo nas colunas assumiu um caráter definitivamente peculiar.

Esse caráter esteve na busca do que foi considerado “à margem” do noticiário padrão sobre o referendo. Não foram encontradas ali informações sobre como e onde votar, não se discutiu detalhes sobre as campanhas, não se tentou analisar as causas e efeitos da vitória do Não. Porém, em meio às notas sobre os bastidores da ida às urnas, os leitores puderam encontrar, ainda que condensadas pela estrutura curta e direta deste gênero jornalístico, pequenas notas objetivas sobre o referendo, misturadas a comentários, chistes, momentos inusitados da campanha etc. Para que o efeito destas notas tivesse sucesso junto ao leitor, este último deveria estar de alguma forma informado sobre o dia a dia da campanha política.

A cobertura da chamada grande imprensa recebeu um enquadramento de modo a optar pelo Sim. Essa postura foi seguida pelas colunas de notas, com um porém: quando esta mesma grande imprensa e os colunistas começaram a perceber que a vitória do Não era cada vez mais evidente, houve uma mudança de enfoque. Alguns continuaram apoiando o Sim; outros, como Góis, quando viram que a derrota para o Não já se manifestava, preferiram atentar sobre as incoerências dos dois lados em disputa. Não faltou quem usasse seu sarcasmo para, em tom mais pessimista, concluir sobre a “inutilidade” do referendo, como Boechat. A leitura das notas permitiu constatar que não houve muitas “plantações” de notícias que privilegiassem um lado ou outro. O

escândalo do mensalão, a iminência da cassação de políticos e as diversas CPIs em voga na época receberam mais destaque nas colunas do que as notas sobre o referendo.

Procurei aqui, como citei anteriormente, atentar preferencialmente para a análise do funcionamento discursivo das colunas e suas modalizações – o uso dos bordões, o tom textual entre o irônico e o sarcástico, os títulos que “comentam” o que vai ser lido, o caráter muitas vezes autoritário das notas etc. Esse caráter diferenciado das colunas e seu estilo mais livre ainda é visto com ressalvas por muitos, que acusam as notas de estarem contribuindo para uma “falta de consistência” na imprensa escrita.

Ora, essa “falta de consistência” só é real se considerarmos hoje o jornalismo “sério”, ou aquele que segue à risca os padrões da objetividade, clareza, concisão e principalmente, ouvir os dois lados, ainda é o único que vale. No entanto, não seriam as colunas de notas, com seu apelo ao que geralmente é deixado de lado pelo grande noticiário, aos comentários, e ainda às piadas, à ironia e ao sarcasmo, ao humor que desafia e critica o dia a dia da política; uma alternativa jornalística, mesmo que contrária a um determinado “cânone” de regras específicas? Podemos transferir a pergunta para o campo político e questionar: não seria a política de hoje, com seu culto às aparências, também ela um espaço onde o secundário, ou seus bastidores, têm importância decisiva?

A propalada falta de consistência, indicada por muitos nos períodos curtos das notas, revela-se falsa em alguns casos, como nos complexos efeitos de texto encontradas nas notas. Poderíamos retrucar que durante os dias anteriores ao referendo, as colunas propiciaram ao leitor um ponto de vista crítico (ainda que revestido na informalidade) quanto ao jogo de interesses utilizado pelas duas frentes em jogo.

O historiador de imprensa Michael Schudson, ao analisar a cobertura jornalística do ritual político norte-americano conhecido como *State of the Union*⁴, entre o final do século XIX e meados do século XX, notou as mudanças nos relatos jornalísticos, de meros registros literais da fala do presidente no começo, para a ênfase na reportagem da mensagem, privilegiando o conteúdo e as implicações políticas de longo alcance a partir de 1900. Schudson deixa claro que com o desenvolvimento das técnicas narrativas, em especial o *lead*, “os jornalistas deixaram de ser estenógrafos ou gravadores para passarem a ser intérpretes. (...). Este novo papel permite ao repórter escrever sobre o que ouve e vê, e sobre o que não é visto nem ouvido ou é intencionalmente omitido” (Schudson, 1994). No mesmo artigo, ele cita uma análise do jornalista David Riesman,

⁴ *State of the Union* é um ritual que se repete todos os anos na política norte-americana, quando o presidente vai ao Congresso no começo de cada ano fazer um balanço de sua administração.



reveladora ao mostrar que os jornalistas concedem à política um prestígio que ela não tem na mente pública, “prestando mais atenção à política do que sua audiência parece exigir”. Jornais, portanto, portam-se como “patrões da vida política”, e muitas vezes superdimensionam os fatos envolvendo personagens do Congresso ou da Câmara dos Deputados. As colunas, ao buscarem o lado oculto dos bastidores, de certa forma desmistificam toda a pompa e seriedade que a própria mídia erigiu em torno da política.

Referências bibliográficas

- COUTINHO, Iluska. *Colunas jornalísticas de notas: representação na imprensa*. In: *Imprensa e poder*. Brasília: Editora UNB, 2002.
- FAIRCLOUGH, *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UNB, 2001.
- GOMES, Wilson. *Transformações da política na era da comunicação de massa*. São Paulo: Editora Paulus, 2004.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Editora Pontes, 2003.
- PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso*. São Paulo: Hacker Editores, 2002
- RAMOS, Murilo César. *Intrigas da corte: jornalismo político nas colunas sociais*. In: *Imprensa e poder*. Brasília: Editora UNB, 2002.
- SOUZA, Rogério Martins. *A sedução do colunismo: uma análise das colunas de Ancelmo Góis e Ricardo Boechat*. Artigo apresentado dentro do Intercom 2005, Rio de Janeiro.
- BLANCO, Victor Sampedro. *Periodismo, conflicto simbólico y fetichismo: tipología y tensiones de las relaciones entre periodista y políticos*. Madri: Revista de Ciências de La Información, nº 10, 1994.
- SHUDSON, Michael. *A política da forma narrativa: a emergência das convenções noticiosas na imprensa e na televisão*. Artigo sem identificação de fonte.
- SUNKEL, Guillermo. *El lugar del reconocimiento*. In: *La prensa sensacionalista y los sectores populares*. Santiago: Editora Norma, 2002.
- VERÓN, Eliséo. *Quando ler é fazer: a enunciação no discurso da imprensa escrita*. São Paulo: Summus Editorial, 1982.